

## PROJETO DA ÚLTIMA INOCÊNCIA

Aline da Rosa Deorristt<sup>1</sup>

### RESUMO

O trabalho apresenta a articulação plástica e poética do *Projeto Da última inocência*, que tem como tema o feminino na arte e envolve um desdobramento da linguagem do desenho na elaboração de propostas em livros de artistas como lugares constituídos. O projeto é caracterizado por dois momentos de criação que são visíveis na sua estrutura como obra: um de produção e outro de pós-produção. Esses processos que a reconfiguram têm como objetivo trabalhar o conceito de jogo unindo os aspectos lúdico e cognitivo das brincadeiras de bonecas de papel e do universo feminino da costura. A investigação conceitual explora também os conceitos de temporalidade, de manutenção dos processos de identidade e de memória, de paradoxos das representações do feminino, enfatizando o pensamento sobre a linguagem mesma dos processos criativos. No momento em que as evidências de um processo de trabalho autoral em arte são abertas às experiências, às intervenções e aos olhares do outro, se dão as aproximações da obra com conceitos e processos de aprendizagem. Dessa maneira, a obra de arte revista sob uma perspectiva educacional pode ser aberta também como uma prática possível e de processo de compreensão da Arte Contemporânea em sala de aula.

**Palavras-chave:** Desenho. Livro de artista. Processo Criativo. Jogo. Representações do Feminino.

---

<sup>1</sup> Formada em Artes Visuais - Instituto de Artes da UFRGS. Aluna da licenciatura em Artes Visuais - Feevale. Bolsista PIBID. Estudos complementares na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em Portugal, bolsa de intercâmbio concedida pelo Santander no Programa de Bolsas de Estudo Luso-brasileiras.

## 1 O PROJETO E SEUS LUGARES CONSTITUÍDOS: OS REPERTÓRIOS

O espaço percebido pela imaginação...  
é um espaço vivido. (GASTON BACHELARD, 1957)

O **Projeto Da última inocência**<sup>2</sup> é um conjunto de trabalhos que têm origem na série de 28 desenhos intitulados como **Repertório #1: Meditações** e que consiste em desenhos a grafite sobre papel branco da marca Canson Fine Face, no formato-padrão de 50x65cm. Esse conjunto de desenhos forma um repertório inicial de imagens que propõem um lugar de “reimaginação” para uma memória conjugada no feminino. O desdobramento da linguagem do desenho elabora, num segundo momento, outras cinco propostas em livros de artistas intitulados como **Repertórios #1, #2, #3, #4 e #5**. Os “repertórios” em livros de artistas ampliam a proposta do projeto e inauguram um novo contexto relacional, instaurando-se como espaços constituídos que possibilitam a intervenção do outro e, com isso provocam diversas mudanças na relação intersubjetiva do projeto artístico.

O conceito de memória que o trabalho propõe encontra significado em uma proposta de “reimaginação”, pois entende que toda memória precisa ser “reimaginada” para adquirir sentido. No livro *A poética do espaço*, Gaston Bachelard (1957) elabora um mapeamento filosófico e imaginário da experiência poética e da memória. O autor configura esses conceitos a partir de imagens, pois

Temos na memória microfilmes que só podem ser lidos quando recebem a luz viva da imaginação. [...] Uma memória imemorial trabalha numa retaguarda do mundo. Os sonhos, os pensamentos, as lembranças, formam um único tecido. (BACHELARD, 1957, p. 181).

Para o autor, é a partir de uma reunião de imagens que são usadas como matéria-prima para a imaginação que é feita a composição de nossas memórias.

Em diálogo com essa perspectiva, o **Repertório #1: Meditações** é um conjunto de desenhos elaborados como “matéria-prima” sobre uma memória “reimaginada” do feminino na arte e

---

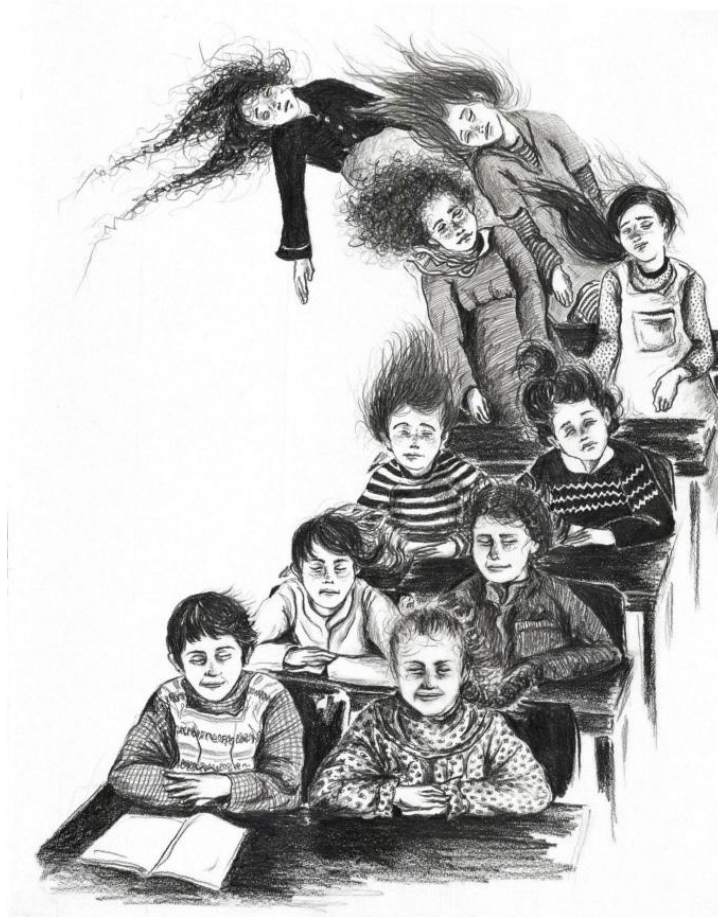
<sup>2</sup> O **Projeto Da última inocência** foi elaborado por mim, Aline da Rosa Deorristt (que assino como artista “Aline Daka”) e apresentado como um Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais/bacharelado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul em janeiro de 2013, com a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Umbelina Barreto.

construídos a partir de referências de uma formação pessoal como artista. Versando sobre o tema, a proposta em desenho estabelece autoralmente um primeiro repertório de referências poéticas que se constitui como uma espécie de "re-inventário", ou ainda uma tentativa de estabelecer um cosmos poético para o feminino que se projeta conceitualmente de seu lugar de "esquecimento" e/ou "fragmento". O processo de "reimaginação" revê e recria as identidades do feminino e conduz o trabalho às origens do desenho: as brincadeiras e os jogos infantis. Trata-se de uma experiência pessoal de criação que passa a estabelecer seus diálogos com o universal na descoberta das origens do desenho na infância. A busca poética pelo feminino formula então seus próprios repertórios, tal como uma "costura de retalhos", reinventa a si mesma a partir de processos de releituras, colagens, lembranças, criações imaginárias e articulações ficcionais, culminando nas brincadeiras de bonecas de papel. É com a referência às bonecas que o projeto oferece as múltiplas maneiras de um jogo representativo e logo expandindo-se. No desenho, passa a "brincar" com narrativas abertas e cruzadas como composições de sentido e, assim, expõe o jogo que está sendo dado. São elas que inter-relacionam o passado e o futuro no instante presente, que falam dos processos de memória e de sua manipulação/"reimaginação".

O desenho a seguir foi o primeiro a ser "reimaginado"<sup>3</sup> para a série de desenhos sobre o feminino e mostra uma cena de uma escola em que meninas estão dispostas em suas classes de maneira a ampliar seus significados, pois, como num jogo ou brincadeira, elas podem saltar imaginativamente para fora da folha...

---

<sup>3</sup> Aqui, reinvento ao me referir novamente ao conceito que Bachelard elabora unindo o imaginário à memória. Para o autor, o conceito de memória dialoga com o imagético, atravessa as fissuras do tempo numa possibilidade de atualização a partir da arte. Em Bachelard, encontro sentido em uma memória não linear e não cronológica, mas associativa, como no pensamento de uma colagem. Para Bachelard, a memória está como que dividida em "gavetas", em que uma "verdade" só pode ser encontrada na origem de uma nova elaboração de sentidos. A intervenção poética é capaz de renovar os horizontes da percepção através da linguagem.



*Ilustração 1: Aline Daka. Projeto Da última inocência.  
Repertório #1: Meditações, desenho 1. Grafite sobre papel, 50x65cm, 2012.*

Esse primeiro desenho do projeto evoca a infância de seu lugar de esquecimento, com ela, a escola e a brincadeira de bonecas de papel<sup>4</sup>. É dessa maneira que uma infinidade de novas referências é aberta a cada desenho da série de 28, contribuindo com suas relações e sensibilizando a proposta representativa. Como nas duas imagens que se apresentam em sequência, em que as figuras femininas se assumem de forma evidente como bonecas e remetem às brincadeiras de infância, é instaurada a sugestão de brincadeira e de jogo em seus potenciais lúdicos.

<sup>4</sup> Na infância, eu costumava brincar com meus irmãos com as bonecas de papel e geralmente as interpretávamos em situações coletivas, como no ambiente da escola. Inicialmente manipulávamos as bonecas desenhadas pelo meu pai, em seguida, começamos a desenhar nós mesmos nossos próprios bonecos. Eu desenhava as meninas, e meu irmão, os meninos. Como elas estragavam muito depressa, a produção era intensa e sempre se renovava. Essa foi a origem do desenhar na minha experiência artística pessoal e que veio à tona com esse trabalho.



Ilustração 3: Aline Daka. Projeto Da última inocência.  
Repertório #1: Meditações, desenho 22. Grafite sobre papel, 56x60cm, 2012.

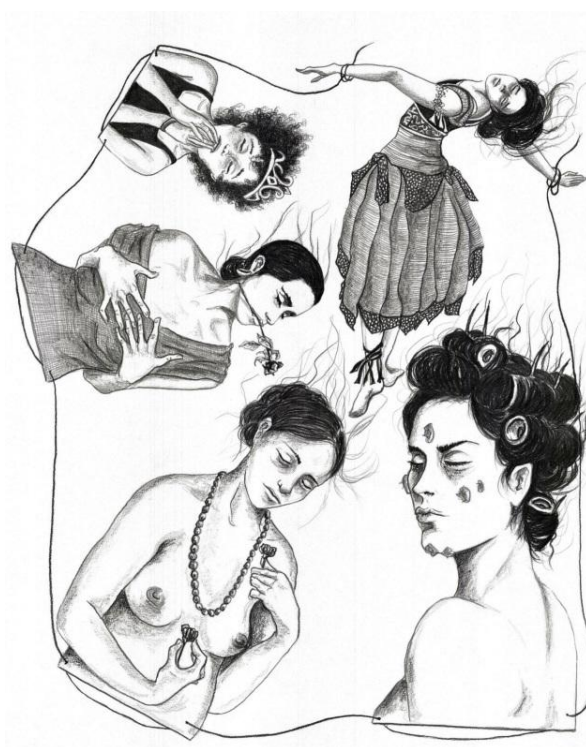


Ilustração 2: Aline Daka. Projeto Da última inocência.  
Repertório #1: Meditações, desenho 12. Grafite sobre papel, 56x60cm, 2012.

Nas imagens acima, aparece desenhado o elemento "fio", pois a memória adquire aspectos labirínticos nos processos de associações, repetições e escolhas. O fio (a linha no desenho) é o elemento plástico, gráfico e simbólico que conduz a experiência artística a um processo cognitivo, sem deixar de promover uma espécie de "arte-consciência", que envolve noções de desenho, de construção e de percurso. Ele é oferecido como recurso de transformação de conceitos e evidencia a intervenção artística também nos livros de artista.

As duas imagens a seguir são mostradas como "metadesenhos", pois funcionam como chaves conceituais do projeto. Isto é, evidenciam a presença dos elementos de jogo. São desenhos que funcionam como um díptico, apresentando duas mulheres nuas que jogam um jogo com bonecas de papel enlaçadas por um fio sobre um tabuleiro de xadrez, em uma relação de jogo-arte marcada na imagem. Uma das referências utilizadas foi a imagem do jogo-*performance*, de Marcel Duchamp<sup>5</sup> (1887-1968), em que ele aparece jogando xadrez com uma mulher nua em uma foto da *performance* realizada em 1963 no Pasedena Art Museum.

---

<sup>5</sup> Marcel Duchamp (1887-1968), artista, pintor, escultor e poeta, vinculado aos movimentos Dadaísta e Surrealista, viveu e trabalhou entre Paris e NY. Precursor da arte conceitual, inventor dos Readymades, Duchamp foi um dos artistas que modificou o pensamento da arte e abriu as portas para o que se considera como Arte Contemporânea.



*Ilustração 4: Aline Daka, Projeto Da última inocência.  
Repertório #1: Meditações. Desenho 24, grafite sobre papel, 50x65cm, 2012.*



*Ilustração 5: Aline Daka, Projeto Da última inocência.  
Repertório #1: Meditações. Desenho 25, grafite sobre papel, 50x65cm, 2012.*

Após essa pequena mostra de trabalhos do primeiro repertório em desenho, construído como a "matéria-prima" de uma memória do feminino, pode-se ter a visão da segunda etapa criativa e articuladora do projeto e que aqui se denomina como a de "pós-produção" do trabalho, de acordo com o conceito de Nicolas Bourriaud, em que as noções de originalidade, produção e consumo, criação e cópia já se encontram questionadas. Para o autor, "a Pós-produção apreende as formas de saber geradas pelo surgimento da rede: em suma, como se orientar no caos cultural e como deduzir novos modos de produção a partir dele" (BOURRIAUD, 2004, p. 9). É com a "pós-produção" que o projeto se insere em um novo contexto relacional.

O processo criativo nessa etapa envolveu, portanto, procedimentos híbridos que são visíveis na constituição e na articulação mesma da obra. Os desenhos em folha de papel foram multiplicados por meio de técnicas digitais bastante simples de reprodução e impressão de imagem, que foram somadas a processos manuais de encadernação e costura; técnicas e ferramentas que, guiadas pelo elemento do "fio", redesenham a forma e os conceitos do trabalho. As figuras femininas desenhadas evidenciam-se como bonecas-signo quando são recortadas e aglutinadas individualmente para realizarem novos percursos conceituais.

Elas são utilizadas para a construção dos livros de artista e vão ao encontro da seguinte definição de Bourriaud: "A forma da obra contemporânea se estende mais além de sua forma material: é um amálgama, um princípio aglutinante dinâmico." (BOURRIAUD, 2009, p. 21).





*Ilustração 6: Aline Daka. Bonecas impressas digitalmente e recortadas, 2012.*

A partir desse ponto de transformação, é possível observar que, conceitualmente, uma memória-identidade que anteriormente foi construída no desenho, com suas buscas e seus esforços autorais, trabalhada a partir de referências reais, ficcionais e imaginativas, novamente se fragmenta. No entanto, essa desintegração gera uma nova intenção com os livros de artista, pois contrapõe-se direcionando a obra para uma inter-relação necessária e que se justifica como um processo de sobrevivência da obra de arte nos tempos atuais. Trata-se da possibilidade de visualizarmos na articulação da obra os fragmentos de uma memória/identidade e as faltas de uma legitimidade histórica para com a presença feminina na arte, mas também evidencia uma projeção do feminino que precisa se reinventar a cada ausência, lacuna ou lapsos históricos para se afirmar como existente. É sob essa perspectiva que um olhar feminino recria seus conceitos, concentrando seus objetivos nas questões do fazer que lhe são tão caras e características do gênero. Porém, percebo que uma memória reinventada não

sobrevive isoladamente, mas com colaborações. Tecer e recriar uma trajetória por meio da arte é permitir que novas relações, heterogêneas e plurais, se multipliquem a partir dela. Acredito que, para que a memória seja sempre “reimaginada”, torna-se necessária a sua livre manipulação e é a partir dessa apropriação que ela se atualiza em sentido. No entanto, essa aproximação da obra com o outro é uma conquista a ser inserida para além do contexto de-para/artista-obra-público.

## 2 REPERTÓRIOS #2, #3, #4 E #5: PROPOSIÇÕES E POTENCIAIS CRIATIVOS

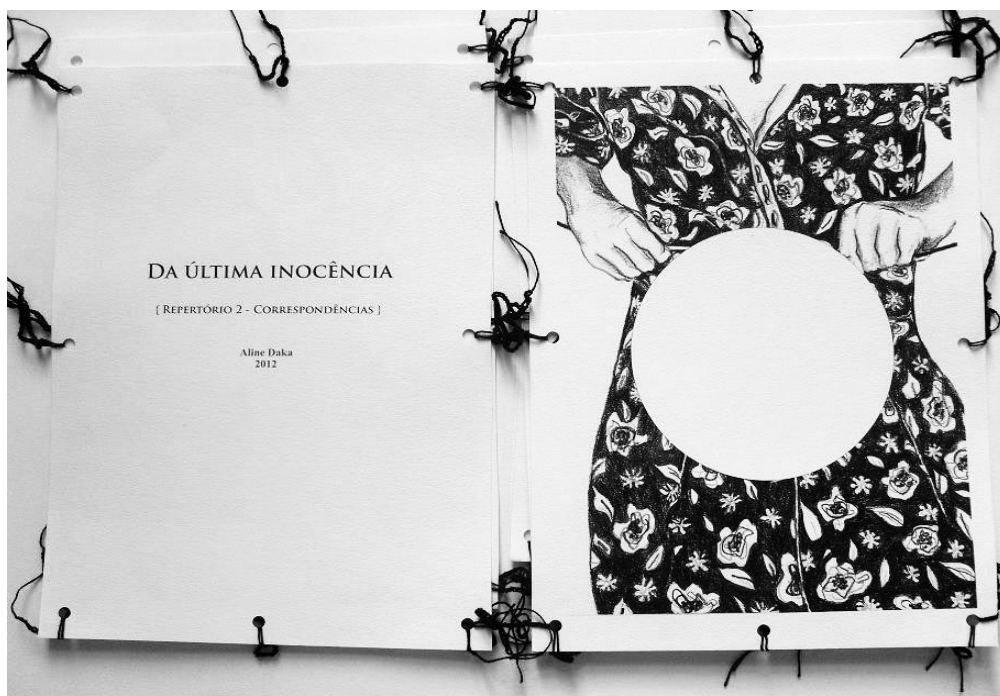
A arte é um estado de encontro.  
(NICOLAS BOURRIAUD, 2009)

Os livros de artista intitulados como "repertórios" são construídos a partir dos procedimentos híbridos citados e com o pensamento da "proposição", estratégia em que o/a artista oferece a obra para a interação do outro, que deixa de ser um mero observador para ser também atuante. Com esse objetivo, os livros são montados de forma bastante flexível, permitindo mudanças de formato e de intervenção, além das propostas e perspectivas diversificadas como jogo-arte. Os repertórios aproximam-se assim do conceito da Estética Relacional desenvolvido por Bourriaud, assumindo a emergência de uma prática contemporânea. Sobre isso, o autor afirma que

A essência da prática artística residiria assim na invenção de relações entre os sujeitos; cada obra de arte em particular seria uma proposta para habitar um mundo em comum e o trabalho de cada artista, um feixe de relações com o mundo, que geraria por sua vez outras relações, e assim sucessivamente até o infinito. (BOURRIAUD, 2009, p. 23)

Dentro dessa perspectiva de olhar, são apresentados os livros de artista do projeto, em suas propostas de experimentações que promovem a inter-relação, o diálogo e a disposição entre os envolvidos. Cabe lembrar que os livros aqui citados se apresentam sob uma perspectiva de autor, que, porém, não define a obra de arte como um todo, pois sua significação é sempre

renovada a cada leitura/intervenção singular. Com isso, as imagens a seguir apresentam o livro **Repertório #2: Correspondências**, o qual foi concebido, como demonstra o próprio nome, como um lugar de "correspondência", em que se oferecem espaços de diálogos em sua composição. O ato de corresponder-se abre aqui a possibilidade de evasão dos limites de tempo e de lugar, de se alcançar o que parece longínquo. Penso que a linguagem pode romper esses limites, pois ela não tem fronteiras. Por meio dela, algo passado ou distante pode equivaler-se no presente como relação e como algo significativo para a experiência. Atravessar o tempo e o espaço no livro é desvendá-lo em suas dobras e seus avessos, testando o que se conhece e descobrindo novos caminhos.



*Ilustração 7: Aline Daka. Projeto Da última inocência. Repertório #2: Correspondências. Livro com 15 folhas em formato A4, com imagens em todas as páginas, articuladas por fios pretos elaborados com um trançado em corrente na técnica do crochê. Acompanha um grafite e espaços em branco em seu interior como sugestão de interferência. Impressão digital e costura. Tamanho aprox. 21x30 cm. (fechado), 2012.*



*Ilustração 8: Aline Daka. Projeto Da última inocência. Repertório #2: Correspondências. Detalhe de uma das possibilidades de articulação.*

Já o livro **Repertório #3: Ficções** foi construído a partir de uma citação da escritora inglesa Virginia Woolf, a qual afirma que *"A ficção é como a teia da aranha, presa apenas levemente, talvez, mas ainda assim presa à vida pelos quatro cantos"* (WOOLF, 1990, p. 53). A partir da citação de Woolf, o "livro das ficções" instaura um jogo de ordem-desordem narrativo com tendências centrífuga e/ou expansivas e que se efetua na composição de pequenas formas entrelaçadas em direções de leitura circular. As imagens a seguir demonstram o livro em duas possibilidades de disposição.



*Ilustração 9: Aline Daka. Projeto Da última inocência.  
Repertório #3: Ficções, 2012. Detalhe do livro numa de suas possibilidades de articulação.*



*Ilustração 10: Aline Daka. Projeto Da última inocência.  
Repertório #3: Ficções. Livro com figuras de papel recortadas em verso-reverso e tecidas com fios de crochê  
em direção expansiva e circular, na referência a uma teia. Pode ser lido e montado conforme manipulação.  
Impressão digital e costura. Tamanho aprox. 1x1m. (esticado) 2012.*

Conforme mostram as imagens, o livro das ficções se apresenta no formato de uma "teia-trama" que agrega as figuras de papel formando um espaço como um tecido-superfície-mundo habitado por elas; bidimensional e tridimensional ao mesmo tempo, o que faz variar o modo de manipulação do livro. Como um lugar constituído, no livro é criado um espaço de sintonia para a diversidade de seus elementos, que são conjugados e ritmados sensivelmente como conjunto, tal como numa constelação desenhada, tal como numa ficção cruzada e aberta a ser redesenhada e "reimaginada" por outro.

O seguinte livro é o "livro dos documentos", intitulado como **Repertório #4: Documentos**. É o livro mais conceitual da série e que faz referências, conforme é denominado, aos documentos oficiais, aos registros que atravessam a barreira do tempo por possuírem valor oficial de "comprovação" e "reconhecimento". O livro **Repertório #4: Documentos** aborda a passagem do tempo, o esquecimento e o anonimato na relação dos processos que legitimam e valorizam as existências e as experiências. Foram construídos dois modelos, conforme mostram as imagens abaixo.



*Ilustração 11: Aline Daka. Projeto Da última inocência.  
Repertório #4: Documentos. Livro com figuras de papel recortadas e tecidas com fios  
de crochê a uma "folha-documento-desenho". Pode ser pendurado. Impressão digital e costura.  
Tamanho aprox. Livro 1: 29x58 cm. (aberto) 2012.*



*Ilustração 12: Aline Daka. Projeto Da última inocência. Repertório #4: Documentos. Tamanho aprox. Livro 2: 21x62cm (aberto) 2012.*

As figuras acima apresentam, portanto, os dois "modelos" que estabelecem uma proposta de padronização e de repetição como reiteração e "comprovação". Em suma, a sistematização que os constitui é bastante simples, os livros comprovam a existência das citações gravadas, e as pequenas figuras-bonecas em verso-reverso recortadas e penduradas, as quais são denominadas por "testemunhas", podem ser descobertas como as peças desse jogo.

A imagem a seguir apresenta o livro **Repertório #5: Interiores**. A palavra "interiores" surge da combinação poética da imagem da casa com as imagens das bonecas e texturas. Esse livro é o que mais se assemelha a um livro tradicional, suas páginas seguem um padrão predominante e de ordem de leitura convencional, mas só até que se percebam os lugares que podem ser explorados não linearmente. É um livro que remete diretamente à infância e dialoga com a brincadeira de bonecas de papel inseridas na brincadeira de casinha, propondo narrativas semelhantes a um livro de imagem.





*Ilustração 13: Aline Daka. Projeto Da última inocência.  
Repertório #5: Interiores. Livro encadernado manualmente com fios trançados na técnica do crochê e composto de cinco páginas. Ao longo das páginas, figuras recortadas são tecidas com fios. Impressão digital e costura. Tamanho aprox. 21x30 cm. (fechado) 2012.*

O conceito de livro em arte que se propõe aqui se apropria de práticas e leituras infantis para construir a sua "regra" e logo depois testar seus limites. Trabalhar com a imagem da casa permite a elaboração de uma experiência imaginária que explora as muitas camadas da memória. Dessa maneira, o livro tende a explorar os conceitos de lugar.

A próxima imagem apresenta um objeto que foi inserido no projeto de maneira simbólica. O intitulado **Estojo Anima-Ação** é apresentado aqui como um objeto que representa os potenciais criativos, pois pontua o projeto de forma aberta na perspectiva de construção de novos repertórios. E, logo após, para finalizar, segue uma fotografia da exposição do projeto na ocasião de apresentação como Trabalho de Conclusão de Curso em bacharelado Artes Visuais, na Pinacoteca do Instituto de Artes da UFRGS em janeiro de 2013.



*Ilustração 14: Aline Daka. Projeto Da última inocência. Estojo Anima-Ação. Estojo de madeira na cor preta com divisórias internas contendo fios, tesoura, folhas com desenhos para recortar e figuras de bonecas de papel recortadas, com tampa transparente deixando ver o seu conteúdo. Impressão digital e objetos em caixa de madeira. Tamanho aprox. 6x34x40cm. 2012.*



*Ilustração 15: Aline Daka. Instalação do Projeto Da última inocência na Pinacoteca Barão de Sto. Ângelo no Instituto de Artes da UFRGS. Fotografia da autora. Janeiro de 2013.*

O objeto, os desenhos e os livros compõem o conjunto como uma instalação. Nesse momento, os desenhos foram expostos cobertos com folhas transparentes, para serem acessados como os livros, e os livros de artista foram disponibilizados em mesas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS POSSÍVEIS

E arte, imagino, não é inocência, é tornar-se inocente.  
(CLARICE LISPECTOR, 1957)

O Projeto Da última inocência<sup>6</sup> foi realizado como um percurso de experiência que proporcionou uma grande abertura de percepção e de crescimento artístico/humano à artista e acredito que também aos que colaboraram para sua concretização ou vivenciaram suas diferentes exposições. De minha parte, foi tomada a consciência de que um processo de criação pode ir muito além de uma experiência pessoal que envolve a profundidade de suas próprias questões. Percebo que o projeto artístico contemporâneo, em essência, precisa do contato com o outro não somente no seu ponto gerativo, mas para se renovar, comunicar-se e multiplicar-se. O projeto demonstrou que um repertório pessoal pode abrir seus espaços para diversos modos de inter-relação, recriando numa infinidade de formas as suas estratégias. Penso que um processo investigativo em arte deve ser germinador, sempre buscar novas perspectivas, promovendo as diversidades e as potencialidades criativas sobre repetidos temas humanos.

A formação de um repertório pessoal é importante no reconhecimento e na conscientização daquilo que somos, trabalhar na multiplicação de referências e nas suas problematizações torna-se um modo de apropriação daquilo que constrói as nossas identidades. Sob uma perspectiva de aprendizagem, no livro **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer**, as autoras afirmam que

essa apropriação converte-se em competências simbólicas porque instiga esse aprendiz a desvelar seu modo singular de perceber/sentir/pensar/imaginar/expressar e a ampliar sua possibilidade de produção e de leitura do mundo da natureza e da cultura, ampliando também seus modos de atuação sobre eles. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 162).

É curioso observar que, a partir desse direcionamento, o trabalho com "repertórios" se legitima como uma possibilidade metodológica, pois

<sup>6</sup> Todos os desenhos e livros de artista do projeto podem ser visualizados em: <<https://www.flickr.com/photos/alinedaka/>>.

Valorizar o repertório pessoal de imagens, gestos, 'falas', sons, personagens, instigar para que os aprendizes persigam ideias, respeitar o ritmo de cada um no despertar de suas imagens internas são aspectos que não podem ser esquecidos pelo ensino da arte. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 118).

É no livro **Didática do ensino da arte** que podemos encontrar diversas afinidades com o projeto, como uma definição de Repertório<sup>7</sup> de Samir C. Meserani citada pelas autoras. É uma referência que se abre para outras referências, demonstrando como se dão os processos de conhecimento.

Foi a partir das reflexões acima que conduzi a minha trajetória para a arte-educação<sup>8</sup>, abrindo o projeto a novos modos de pensar a sua articulação com vistas a contribuir ao ensino da arte e às mudanças de pensamento e construção de sentido. As possibilidades metodológicas se abrem quando nos propomos a refletir sobre elas e sobre as responsabilidades do artista e do professor arte-educador. Esse momento é de esboço para uma proposta de construção de conhecimento em sala de aula, mas já se encontra carregado de intencionalidades como uma porta aberta para novos processos quando observo que uma aprendizagem significativa em arte valoriza quem somos e o que temos a dizer, pois

ensinar - que etimologicamente significa apontar signos - é possibilitar que o outro construa sentidos, isto é, construa signos internos, assimilando e acomodando o novo em novas possibilidades de compreensão de conceitos, processos e valores. (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 128-129).

Logo, a percepção da obra como algo construído, a experiência de seus processos de articulação, a diversidade de formas, referências e caminhos como abertura de pensamento e criação/fruição demonstra que o Projeto Da última inocência possui um potencial metodológico na sua própria articulação e que suas perspectivas nunca serão únicas.

<sup>7</sup> Numa simplificação conceitual, repertório ou subcódigo é o arquivo dinâmico de experiências reais ou simbólicas de uma pessoa ou grupo social. [...] tem recorrência no conceito de memória, de imaginação e, em última instância, no de conhecimento. Mas é importante ter sempre o aspecto dinâmico desses conceitos. Assim como repertório, a memória, a imaginação e o conhecimento não são arquivos mortos, passivos. (MESERANI, 1986, p. 17-18). Citação encontrada em (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 21).

<sup>8</sup> Atualmente, curso Licenciatura em Artes Visuais na Universidade Feevale e sou bolsista PIBID com a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Caroline Bertani. A perspectiva de trabalhar o projeto na escola, graças aos benefícios e às possibilidades que a bolsa PIBID proporciona, tem aberto minhas perspectivas investigativas e acredito que este será o momento, como uma ótima oportunidade, de trabalhar o projeto em sala de aula.

No momento em que o trabalho formula uma proposta em arte que compreende a observação e a consciência dos processos e mudanças tomadas, das escolhas e das soluções plásticas e conceituais, acredito que possa, sim, contribuir para o ensino da arte. São essas relações que acredito realizarem uma abertura da obra como contribuição para os processos de aprendizagem e ensino em Arte Contemporânea.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 1 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BOURRIAUD, Nicolas. **Estética relacional**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

BOURRIAUD, Nicolas. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

MARTINS, Miriam C.; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. T. Telles. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer**. 1 ed. São Paulo: FTD S.A, 1998.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro S. A, 1990.